

**“NEM VILÃS NEM HEROÍNAS. NEM GUERREIRAS NEM FRACAS. HUMANAS”<sup>1</sup>.  
A VOZ DA MULHER NEGRA EM *INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES***

Mayara Regina Pereira Dau Araujo<sup>2</sup>  
Aline Welter Strapasson<sup>3</sup>

**Resumo:**

A produção literária da escritora afro-mineira Conceição Evaristo cumpre o objetivo de focalizar as mulheres negras por meio de sua produção literária. Sua escrita é indissociável de sua vivência e é marcada pela condição da mulher negra na sociedade. Considerando o conceito de *escrevivência* criado por Conceição Evaristo e as reflexões de Bell hooks (2018; 2019) sobre o feminismo e o imaginário constituído em relação às mulheres negras, o presente estudo faz algumas reflexões sobre essa mulher na literatura, que normalmente é representada de forma objetificada. Em contraposição, Evaristo busca reelaborar as narrativas femininas negras, pela perspectiva das próprias mulheres. Nesse sentido, analisamos na obra *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2016), a construção das personagens e os mecanismos da escrita literária de Evaristo que possibilitam a reconstrução da imagem da mulher negra na literatura. Nesse livro de contos, conhecemos a condição feminina afro-brasileira por meio da narradora-ouvinte que abre espaço para que elas contem a própria história. Ao “dar voz” por meio da literatura, a autora as coloca como centro de sua narrativa e as humaniza, derrubando estereótipos construídos ao longo da literatura brasileira canônica. Dessa forma, a literatura cumpre um importante papel ao possibilitar maior visibilidade à mulher negra, pois além de nos apresentar personagens negras femininas contando suas próprias histórias, tais personagens são criadas a partir da autoria de uma mulher também negra, rompendo com uma representação feminina normalmente construída a partir do olhar do outro.

**Palavras-chave:**

Literatura Brasileira. Escrevivência. Representação feminina negra.

**NI VILLANAS NI HEROÍNAS. NI GUERRERAS NI DÉBILES. HUMANAS. LA VOZ  
DE LA MUJER NEGRA EN *INSUMISAS LÁGRIMAS DE MUJERES***

**Resumen:**

La producción literaria de la escritora afro-mineira Conceição Evaristo cumple el objetivo de centrarse en las mujeres negras a través de su producción literaria. Su escritura no está separada de su experiencia y está marcada por la condición de las mujeres negras en la sociedad. Teniendo en cuenta el concepto de *escrevivência* creado por Conceição Evaristo y las reflexiones de bell hooks (2018; 2019) sobre el feminismo y el imaginario constituido en relación con las mujeres negras, el presente estudio hace algunas reflexiones sobre esta mujer en la literatura, que generalmente está representada por forma objetivada. En contraste, Evaristo busca reelaborar narrativas de mujeres negras, partiendo de la perspectiva de las propias mujeres. En este sentido, en la obra *Insumisas lágrimas de mujeres* (2016), analizamos la construcción de personajes y los mecanismos de escritura literaria de Evaristo

<sup>1</sup> Frase utilizada por Djamila Ribeiro no prefácio ao livro *O olho mais azul* (2019) de Toni Morrison.

<sup>2</sup> Doutorado em Letras. Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT. E-mail: mayarabrt@hotmail.com.

<sup>3</sup> Graduada em Psicologia. Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT. E-mail: alinestrapasson9@gmail.com.

que permiten la reconstrucción de la imagen de la mujer negra en la literatura. En este libro de cuentos, aprendemos sobre la condición femenina afrobrasileña a través del narrador-oyente que les abre espacio para contar su propia historia. Al "dar voz" a través de la literatura, la autora las coloca en el centro de su narrativa y las humaniza, derribando los estereotipos construidos en toda la literatura canónica brasileña. Por lo tanto, la literatura juega un papel importante para permitir una mayor visibilidad para las mujeres negras, porque además de presentarnos con personajes femeninas negras que cuentan sus propias historias, estos personajes se crean a partir de la autoría de una mujer negra, rompiendo con una representación femenina normalmente construida a partir de los ojos del otro.

**Palabras clave:**

Literatura brasileña. *Escrevivência*. Representación femenina negra.

**NEITHER VILLAINS NOR HEROINES. NEITHER WARRIOR NOR WEAK. HUMAN. THE VOICE OF THE BLACK WOMAN IN *INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES***

**Abstract:**

The literary production of Conceição Evaristo, an afro-descendant Minas Gerais writer, fulfills the objective of focusing on black women through her literary production. Her writing is indivisible from her experience and is marked by the condition of black women in society. Considering the concept of *escrevivência* created by Conceição Evaristo and the reflections of bell hooks (2018; 2019) about the feminism and the imaginary constituted in relation to black women, the present study makes some reflections about this woman in literature, which is usually represented in an objectified manner. In contrast, Evaristo seeks to re-elaborate the black female narratives from the perspective of the women themselves. Therefore, in the piece of writing *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2016), we analyze the construction of the characters and the mechanisms of Evaristo's literary writing, which enable the reconstruction of the image of black women in literature. In this book of short stories, we learn about the Afro-Brazilian female condition through the narrator-listener who makes room for them to tell their own story. By "giving voice" through literature, the author places them at the center of her narrative and humanizes them, overthrowing stereotypes constructed throughout Brazilian canonical literature. Thus, literature plays an important role in enabling greater visibility to black women, because in addition to presenting us with black female characters telling their own stories, such characters are created from the authorship of a woman also black, breaking with a female representation normally formulated from the perspective of the other.

**Keywords:**

Brazilian Literature. *Escrevivência*. Black female representation.

## Introdução

Há uma urgência na tomada de voz pelas mulheres negras e esta urgência se dá, sobretudo, pela possibilidade de viver e existir como ser humano. É tomando a palavra, e contando suas histórias, que estas mulheres podem fortalecer umas às outras e possibilitar a criação de mecanismos para transcender as barreiras impostas pela misoginia e pelo racismo.

A noção de “lugar de fala” vem sendo abordada em referência aos grupos oprimidos, silenciados. A filósofa brasileira Djamila Ribeiro (2019) se ampara em teorias anteriores, visto que não há um mapeamento exato da origem do conceito, e então o toma para discussão. A discussão levantada por ela se relaciona com o que desejamos refletir neste trabalho, pois questiona de *onde* falam os sujeitos que falam e *quais* posições ocupam para emergir esta fala. Falar de *escrevivência*, termo utilizado por Conceição Evaristo (2016), está intimamente relacionado a pensar lugar de fala, isso porque *escrevivência* trata do sujeito que tem a vivência daquilo que está escrevendo, contando ou defendendo. É o caso da história dos negros no Brasil, que sempre foi contada pelos colonizadores europeus. Ao ver uma mulher negra tomando o lugar na fala e falando, vemos, de fato, a *escrevivência* acontecendo. Ela sim, sabe das dores enfrentadas por suas irmãs negras. É uma questão de “sentir na pele” o que fala; de falar do mesmo lugar de quem ela representa, é ter um olhar paralelo e não superior.

Esta tomada de voz que as mulheres negras precisam, e estão fazendo, diz respeito a um ato humanizador, uma vez que é o oprimido falando, contando sua história e, neste sentido, a literatura possibilita que suas histórias sejam ressoadas, que sua luta seja ouvida. Sendo a literatura uma expressão de arte, ela não pode ser só um “passatempo”, mas deve cumprir com sua função social que é, também, chacoalhar as estruturas de uma sociedade levantada sobre os corpos da população negra. Pensando mais além, é preciso tomar nota de que o espaço reservado aos autores e autoras negras na literatura não deve mais ser só aquele da autobiografia ou da literatura antirracista, embora isto seja essencial. Deve-se saber que, assim como qualquer outro autor, os autores negros também tem liberdade criativa e podem escrever sobre qualquer tema que lhes ocorrer.

Ainda nesta perspectiva, a *escrevivência* de que fala Conceição Evaristo é não somente um posicionamento de vida frente ao ato de escrever, mas, também, um ato de resistência por quebrar com a lógica europeia, branca e machista que ronda os cânones literários que, por sua vez, retratam o povo negro, obviamente sob a perspectiva de seu opressor (o homem branco). *Escrevivência* é sobre entregar a caneta para o povo negro, sobretudo para as mulheres negras.

É importante ressaltar que “lugar de fala” não se trata de quem pode ou não falar: todos podem e devem falar, todos *devem* falar e levantar sua voz contra qualquer forma de opressão. Porém, é preciso saber reconhecer que a mulher negra provavelmente saiba falar melhor de racismo do que a branca, como afirma Ribeiro (2019, p. 64): “Quando falamos de direito à existência digna, à voz, estamos falando de lócus social, de como esse lugar imposto dificulta a possibilidade de transcendência. Absolutamente não tem a ver com uma visão essencialista de que somente o negro pode falar sobre racismo, por exemplo”. É preciso lembrar que a população negra sempre teve seu grito sufocado e, ainda hoje, as produções negras em universidades são escassas e, quando ocorrem, tem pouca visibilidade. Mulheres brancas têm um lugar de prestígio em relação às mulheres negras. É necessário que a mulher branca saiba quando se calar, pois não é mais suportável colocar-se na frente dessa mulher negra que tanto tem a contribuir.

Embora algumas pessoas brancas sejam conscientes das questões raciais, e outras possam até lutar contra o racismo, ainda assim ocupam um lugar de prestígio que faz sombra ao negro e não o permite aparecer. É preciso dar esse espaço, “sair da frente”. De toda forma, é parando para ouvir a população negra que nós, brancos, saberemos como ajudar, ou melhor, como não atrapalhar o seu processo emancipatório. É pela escuta que perceberemos quão opressores ainda somos, mesmo sem a intenção de oprimirmos, visto que estamos num lugar que, historicamente, nos foi conferido pela escravidão de nossos irmãos. Devemos ouvi-los e tomar medidas, que jamais serão reparativas, mas que, de algum modo, deem-lhes outra possibilidade de existência e diminuam as estatísticas - como as que indicam maioria de mulheres negras trabalhando como domésticas no Brasil ou ainda as que nos mostram que a maioria da população carcerária é negra (RIBEIRO, 2019).



Aqueles que ocupam lugares de privilégio têm o dever de fazer uso desses lugares para falar sim de questões de raça, classe e gênero. Lugar de fala não é sobre calar-se perante as opressões e deixar os oprimidos falarem por si só. É sobre pegar na mão e dar apoio, é sobre falar desse lugar de privilégio que ocupamos enquanto pessoas brancas. A tomada de consciência dos que estão no poder é importante, inclusive, para abrir os olhos daqueles que são oprimidos e que não se enxergam dessa forma; é sobre mostrar-lhes a realidade de sua condição e armar-lhes para o combate sem que permaneçam na alienação ao lado de seus opressores.

Apesar dos movimentos existentes, como o movimento feminista, há uma forte tentativa de anular as vozes femininas e, no Brasil, um país que carrega de forma muito presente a herança da escravidão, isso se dá principalmente quando se tratam de mulheres negras. É visível também quando Gonçalves Filho (2017) relembra do racismo sofrido até hoje pelos negros no Brasil, e que, atualmente, é um racismo velado. Porém, mesmo velado ele existe e deixa danos na vida de suas vítimas. O racismo é histórico e, portanto, social. Ele não ataca só um ou outro indivíduo, mas no ataque individual ataca todos os seus semelhantes.

Conceição coloca em pauta sua posição diante das discussões acerca de uma literatura afro-brasileira. Para melhor compreender sua perspectiva, é importante ressaltar que o negro no Brasil tem uma realidade diferente daquela que vivia em seu país de origem e é neste país de colonização portuguesa, que ele inventa novas formas de existir e de se recontar. O lócus de um escritor negro é diferente do escritor branco e, conseqüentemente, sua produção terá fortes traços desse lócus. Contudo, o cânone literário brasileiro valoriza majoritariamente a escrita do homem branco. Por esse motivo, é importante nomear essa literatura produzida por negros de Literatura Afro-brasileira (EVARISTO, 2009). É um passo importante para a valorização dessa produção literária.

Reconhecer uma literatura afro-brasileira é localizar as produções literárias de descendentes africanos no Brasil. Não é segredo para os conhecedores da literatura deste país que seus autores mais consagrados reservam lugar de protagonista para brancos e personagens servis para o negro em suas obras. Já na Literatura Afro-brasileira o que se vê são personagens negras retratadas de forma humanizada, ou seja, pessoas que sentem, falam e têm suas histórias contadas.

Há uma problematização especial na análise de Conceição Evaristo (2009) em relação à figura feminina negra. Normalmente não se vê mulheres negras representando heroínas ou em papéis centrais, mas sempre como aquela que, se for mãe, só poderá ser a “mãe preta”; a que deixa de cuidar de seus filhos para tomar conta dos filhos da casa grande. É necessário refletir se ainda hoje não impera o conceito de “mãe preta”, uma vez que ela só trocou de lugar geográfico ao sair da casa grande para o quartinho dos fundos na casa dos patrões, mas ainda é a mulher que toma conta de toda a família dos patrões brancos e que jamais é vista como membro dessa família. Essa mulher sofre uma agressão velada, pois abdica de sua vida para viver numa “casa grande” que não é sua, que não é seu lar e tem nos fundos seu canto para minimamente existir.

É negado ao negro o direito de significar sua existência e história. A literatura canônica faz isso, destituindo-o de seu lugar para representá-lo, mais uma vez, como um ser calado e que não tem direito à voz. A literata Conceição Evaristo (2009) relembra que não se trata de não haver autores negros, pois eles existem e, muitas vezes, produziram; porém, não são vistos e nem são valorizados sob a justificativa da estética canônica da literatura brasileira. Em contraposição, Evaristo busca reelaborar as narrativas femininas negras pela perspectiva das próprias mulheres. Com base nessa busca, analisamos alguns contos da obra *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2016)<sup>4</sup> para refletir em que medida a escrita literária de Evaristo possibilita a reconstrução da imagem da mulher negra na literatura.

## **1 Uma breve abordagem sobre *Insubmissas Lágrimas de Mulheres***

Maria da Conceição Evaristo de Brito é uma mineira que já enfrentou muitas dificuldades, tendo quase desistido dos estudos por necessidade de trabalhar. Mas, apesar das adversidades que sempre lhe foram impostas, conseguiu acessar a universidade e formar-se em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, dedicando-se, então, à sua carreira de professora. Além de exercer a docência, Conceição dedicava-se ainda a escrever e teve seus primeiros contos publicados nos *Cadernos Negros*. Ela é mestre em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e doutora em Literatura Comparada pela

---

<sup>4</sup> A primeira publicação de *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* foi em 2011. No entanto, neste trabalho, foi utilizada a segunda edição do livro, lançada em 2016.

Universidade Fluminense. Em suas produções acadêmicas, ela dedica-se aos temas voltados para estudos de gênero e raça na Literatura.

A própria autora relata que sempre teve a literatura presente em sua vida, inicialmente tendo acesso pela porta dos fundos das casas dos patrões de sua mãe e tias. Além disso, ela conta que nem sempre houve livros em sua casa, mas que leva para si as histórias contadas por seu povo e sua gente.

Gosto, entretanto, de enfatizar, não nasci rodeada de livros, do tempo/espço aprendi desde criança a colher palavras. A nossa casa vazia de bens materiais era habitada por palavras. Mamãe contava, minha tia contava, meu tio velhinho contava, os vizinhos e amigos contavam. Tudo era narrado, tudo era motivo de prosa-poesia, afirmo sempre. Entretanto, ainda asseguro que o mundo da leitura, o da palavra escrita, também me foi apresentado no interior de minha família que, embora constituída por pessoas em sua maioria apenas semi-alfabetizadas, todas eram seduzidas pela leitura e pela escrita. Tínhamos sempre em casa livros velhos, revistas, jornais. Lembrome de nossos serões de leitura. Minha mãe ou minha tia a folhear conosco o material impresso e a traduzir as mensagens. E eu, na medida em que crescia e ganhava a competência da leitura, invertia os papeis, passei a ler para todos. Ali pelos meus onze anos, ganhei uma biblioteca inteira, a pública, quando uma das minhas tias se tornou servente daquela casa-tesouro, na Praça da Liberdade. Fiz dali a minha morada, o lugar onde eu buscava respostas para tudo (EVARISTO, 2010, p. 15).

Percebe-se que, em sua história de constituição como ser humano e leitora, Conceição Evaristo tem muito presente as histórias africanas e a oralização - aspectos esses que estão presentes em toda sua produção literária. Ademais, Conceição faz questão de trazer em suas obras a vida de pessoas como ela, que vivem a realidade da periferia e da pobreza, além de procurar representar histórias de mulheres, em especial de mulheres negras. Busca, ainda, discorrer sobre assuntos como racismo, misoginia e questões de classe.

Conceição Evaristo produz literatura há muito tempo, porém só teve sua produção reconhecida após sua sétima década de vida. É preciso questionar o motivo de sua literatura ser reconhecida tão tardiamente e, ao pensar numa resposta, lembrar as lutas do feminismo e do feminismo negro, as quais contribuíram nesse aspecto. As raízes colonialistas, ainda fortes em nosso país, fazem constantemente esforços para que vozes de mulheres como Conceição sejam silenciadas pois, ao que parece, sua *escrivência* incomoda e por isso sofre tentativas de anulação. Além de “incomodar”, dá poder aos seus irmãos negros e negras que agora se veem representados em mais uma obra de autoria negra feminina, que trata com respeito e dignidade a história de seu povo.

Evaristo é esta mulher que, além de estar inserida no meio acadêmico questionando o modo como a literatura é concebida em seu país, é também autora de representativas obras literárias, nas quais coloca em prática o que chama de *escrevivência*. Melo e Godoy (2016) pensam a *escrevivência* como as marcas deixadas no texto discursivo pelo sujeito que escreve, como modo de marcar-se nessa literatura, quebrando o padrão hegemônico de uma produção marcadamente europeia que, até então, é presente no Brasil.

A forma de produzir literatura *escrevivente*, e que Conceição admite em sua escrita, dá ao seu povo e às mulheres negras um espaço diferente na literatura, ao oferecer a possibilidade de verem-se representados tanto pela linguagem de seu povo quanto por sua real vivência, que agora é falada por quem, de fato, a conhece. Ao escrever desta forma, a autora faz aquilo que Virgínia Woolf (1929) solicita em seu ensaio “Um teto todo seu”: que as mulheres escrevam, estudem e se façam presentes nas prateleiras das bibliotecas universitárias para que, desta forma, haja uma corrente de apoio teórico para aquelas que também desejarem estar nestas prateleiras, com sua voz sendo perpetuada.

Woolf (1929), no mesmo ensaio, também discorre sobre as dificuldades que uma mulher enfrenta se pretende tornar-se escritora. Diferentemente dos homens, as mulheres precisam achar tempo entre os afazeres domésticos e os cuidados com os filhos e o marido para conseguir escrever. Isso pode explicar o pouco número de mulheres escritoras no cânone literário, além de outros motivos que não permitiam às mulheres escrever, e o porquê foram ofuscadas pelo cânone literário marcadamente masculino e branco. Porém, não significa que não haviam mulheres escritoras e, para driblar essa situação, muitas escreviam utilizando nomes masculinos. É o caso da escritora Maria Firmina dos Reis, considerada a primeira romancista negra brasileira, que publicou “Úrsula” em 1859, romance tido como precursor da temática abolicionista no país e de grande importância para a literatura brasileira, mas que caiu no esquecimento. Sua obra só foi redescoberta na década de 1960 graças a pesquisadores que se empenham em recuperar escritoras que foram negligenciadas durante a história, principalmente por serem mulheres.

O ofício da escrita para as mulheres esbarra em muitos desafios ainda hoje. Woolf (1929) já tratava a respeito disso em seu ensaio. A autora afirma que, para escrever, seria necessário que as mulheres tivessem ao seu dispor um teto, ou seja, um local tranquilo, sem as perturbações cotidianas, nem preocupação com questões financeiras. Porém, essa realidade é bem incomum para a maioria das mulheres pois, mesmo com os avanços das lutas feministas



que as possibilitaram o acesso aos espaços reservados anteriormente somente para os homens (como universidade e mercado de trabalho), não se viu o mesmo progresso em relação aos homens, os quais continuam atrelando a responsabilidade da casa e dos filhos às mulheres. Por conta disso, o que vemos atualmente são mulheres sobrecarregadas, trabalhando tanto quanto os homens, mas chegando em casa e tendo que enfrentar trabalhos domésticos enquanto o marido descansa. Dentro dessa realidade, para uma mulher que deseja escrever, é difícil encontrar um tempo livre e um local silencioso para se dedicar às letras.

Cabe ressaltar que quando se trata do conceito de mulher, é importante o cuidado para não universalizá-lo numa só categoria, visto que o local social de cada mulher também deve ser levado em consideração nas discussões feministas. Daí a importância de pensar em interseccionalidades<sup>5</sup>, pois, apesar do gênero feminino compartilhar realidades comuns, há diferenças entre as mulheres. A realidade da mulher branca é diferente da mulher negra e indígena, por exemplo, e essas diferenças só acentuam as dificuldades. Uma mulher negra que deseja ser escritora enfrentará ainda mais dificuldades do que a branca e isso não tem relação com competência e sim com o caminho mais tortuoso que deverá percorrer devido às marcas deixadas pela escravidão e pós-escravidão. Esse contexto resulta na baixa produção literária de mulheres negras que chega até nós.

Tratar das interseccionalidades é importante para pensarmos essas diferenças. O discurso universalista de que todas as mulheres são iguais não contribui para a criação de ações afirmativas para grupos majoritariamente subalternizados. O movimento feminista tem muita importância nisso. Conforme hooks (2018, p.123) “As políticas feministas têm por objetivo acabar com a dominação e nos libertar para que sejamos quem somos – para viver a vida em um lugar onde amamos a justiça, onde podemos viver em paz. O feminismo é para todo mundo”.

Todos possuem voz, no entanto alguns grupos sociais possuem voz mais privilegiada do que outros. As mulheres, em geral, fazem parte da classe subalternizada e sua voz é desvalorizada perante a voz masculina. Já a mulher negra é subalternizada tanto por seu gênero quanto por sua cor. Na prática, significa dizer que a mulher branca poderá sim enfrentar obstáculos por ser mulher, mas a mulher negra terá a dificuldade dobrada. A ela não se dá o direito de errar, de ser fraca, de desistir. Isso se deve a um histórico que construiu

---

<sup>5</sup> Ver mais sobre o assunto em AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

estereótipos em torno da mulher negra e vemos esses estereótipos serem reproduzidos e reafirmados constantemente por meio da mídia, das novelas e até da literatura. Nas novelas que possuem grande apelo popular, por exemplo, os poucos papéis destinados às atrizes negras geralmente são da empregada doméstica, da babá e da prostituta. Não que essas profissões não sejam merecedoras de respeito, porém a mídia limita os espaços e passa a impressão de que somente esses lugares podem ser ocupados pelas mulheres negras. Felizmente, algumas produções vêm tentando, mesmo com alguns deslizes, representá-las em outros papéis.

Existe uma conexão direta e persistente entre a manutenção do patriarcado supremacista branco nessa sociedade e a naturalização de imagens específicas na mídia de massa, representações de raça e negritude que apoiam e mantêm a opressão, a exploração e a dominação de todas as pessoas negras em diversos aspectos (hooks, 2019, p. 23).

A verdadeira história precisa ser contada por outra perspectiva. A mulher negra aparece objetivada e é preciso humanizar, mostrar que não existe só um jeito de ser, de viver. Há muitas realidades diferentes. Chimamanda Adichie já nos alertou sobre os perigos de uma história única<sup>6</sup>.

Spivak (2010) também questiona: pode o subalterno falar? Segundo ela, a questão da mulher é mais problemática: ser mulher, negra e ainda pobre é uma formulação que a subalterniza de três maneiras. Nas palavras de Spivak, subalterno pode ser caracterizado como aquele que a voz não pode ser ouvida, aquele que integra “as camadas mais baixas da sociedade, constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante” (2010, p. 12).

A teórica também reflete em seu texto “Pode o subalterno falar?” sobre o lugar incômodo daquele intelectual que pretende falar pelo outro, julgando construir um discurso de resistência, e que, no entanto, só contribui para o silêncio e a opressão. A fala do subalterno não pode ser intermediada por outro. O intelectual pós-colonial, segundo ela, deve criar meios e espaços para que o subalterno fale e possa ser ouvido. Portanto, não pode falar por ele, mas tem como dever trabalhar contra a subalternidade.

---

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EC-bh1YARsc>. Acesso em jan. 2010.

Se a mulher subalterna não pode falar, deve-se então apelar à mulher intelectual e “a ela caberá a tarefa de criar espaços e condições de autorrepresentação e de questionar os limites representacionais, bem como seu próprio lugar de enunciação e sua cumplicidade no trabalho intelectual” (SPIVAK, 2010, p. 15). Para a teórica, o ato de falar, de ter voz, envolve um ato dialógico entre um falante e um ouvinte. Todos podem falar. No entanto, não são todos que são ouvidos. O discurso da mulher subalterna não é ouvido e sua fala é negligenciada, por isso Spivak afirma que ela não pode falar. Para que as mulheres negras tenham voz é preciso que ocupem os espaços privilegiados de fala como as universidades, os cargos políticos e a literatura. Isso passa por políticas públicas que buscam corrigir as desigualdades decorrentes de um processo escravocrata que “libertou” seus escravos, mas não possibilitou-lhes meios de exercer a liberdade. As cotas em universidades e concursos públicos têm grande relevância nesse processo.

Humanizar significa tornar-se sujeito. As mulheres negras precisam ser protagonistas de suas histórias para, assim, desconstruir estereótipos. Nesse sentido, o lugar de fala é importante, ou seja, o lugar social de onde se fala de sua experiência é relevante.

A vida de Conceição Evaristo ilustra bem como o percurso para se tornar escritora é mais longo para uma mulher negra de origem pobre, pois, como vimos, obteve reconhecimento tardiamente. É importante ressaltar que isso não tem a ver com “querer e poder” ou que “basta se esforçar”, como alguns costumam proclamar. Infelizmente o caso de Evaristo é a exceção e não a regra. Atualmente, Evaristo possui um lugar de fala mais valorizado, pois faz parte do mundo acadêmico e dos intelectuais. No entanto, ela mesma afirma que só passou a ser valorizada no Brasil depois que obteve reconhecimento fora do país. Hoje ela possui uma voz que tem ressonância e é mais ouvida do que a maioria das mulheres negras que não estão em sua posição. Ciente da relevância desse espaço ocupado, a autora busca trazer narrativas sobre diferentes mulheres negras, com diferentes realidades, para desconstruir o pensamento objetificado em torno delas. Sua obra representa um contradiscurso e narra a partir de outras perspectivas.

Segundo Conceição (2009), o Movimento de Negritude de Leopold Sedar Senghor, Aimé Césaire e outros, misturado ao discurso de Patric Lumbumba, Black Panther, Luther King, Malcom X, Angela Davis e às guerras de independência das colônias, contribuem para que o discurso negro se amplie e denuncie a condição do negro no país. Mas, além disso, o discurso atual se mostra positivo e diferente dos das décadas anteriores, os quais enfatizavam

mais as mágoas e lamentos. Atualmente, a ênfase é a valorização da cultura africana e afro-brasileira.

Afirmando um contra-discurso à literatura produzida pela cultura hegemônica, os textos afro-brasileiros surgem pautados pela vivência de sujeitos negros/as na sociedade brasileira e trazendo experiências diversificadas, desde o conteúdo até os modos de utilização da língua (EVARISTO, 2009, p. 27).

A ativista americana bell hooks (2019) também ressalta a importância de um discurso positivo sobre a negritude. Segundo a autora, “amar a negritude” raramente é uma postura política refletida no dia a dia. O que é mais comum, e é considerado como a voz “autêntica” da mulher negra, é a voz da dor. Daí a importância de narrativas que retratem experiências positivas de negritude para transcender as imagens comumente arraigadas e assim causar deslocamentos. Conceição, em *Insubmissas Lágrimas*, traça esse objetivo e traz para sua narrativa relatos de mulheres que conheceram a dor mas que, mesmo com as lágrimas insistindo em cair, não se resignaram e ressignificaram sua existência.

A saída, segundo hooks (2019), é pensar em termos plurais: única forma para que as identidades negras sejam recuperadas, desconstruindo, assim, noções unitárias ocidentais. É o que vemos em *Insubmissas lágrimas de mulheres*: uma pluralidade de vozes femininas negras. Nesse livro de contos há uma narradora que não quer falar pelas “entrevistadas”, mas quer ouvi-las e oferece o espaço privilegiado para que elas sejam ouvidas. Nesse percurso conhecemos mulheres fortes, de diferentes idades, contando suas histórias sem julgamentos da narradora-ouvinte.

Evaristo conta, em entrevista ao canal *Leituras Brasileiras* no YouTube<sup>7</sup>, que foi provocada a escrever esse livro como resposta a um comentário da pesquisadora Edileuza Penha de Souza, que questionava a razão pela qual as histórias com mulheres negras não tinham um final feliz. Será que a vida era só dor e sofrimento?

Em *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, Conceição Evaristo se coloca, enquanto narradora personagem, como uma ouvinte, quase entrevistadora, que está disposta a ouvir e coletar histórias de mulheres para recontá-las. As 13 mulheres contam suas histórias sabendo que não haverá julgamentos, talvez porque quem as ouve é uma semelhante. Desta forma, suas narrativas possuem riqueza de detalhes e sentimentos, ao passo que, de fato, são acolhidas por esta sua ouvinte. Elas contam suas agruras, suas dores, os sofrimentos pelos

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY>. Acesso em jul. 2020.



quais passaram, e que as constituíram, e, além disso, mostram sua capacidade de se reinventar perante a hostilidade com que suas vidas se apresentam.

A “entrevistadora” parece lidar de forma muito íntima com o material ao recontar com tamanha responsabilidade e sensibilidade o que lhe foi dito pelas mulheres. Neste sentido, há sororidade da narradora para com as mulheres por ela emancipadas ao contar suas histórias; por sair de seu lugar enquanto narradora para colocar-se no lugar de cada uma das personagens; por debruçar-se sobre suas individualidades e projetar isso num material de difusão, que é o livro; por ser uma mulher negra contando as histórias de suas pares - residindo aí o próprio ato escrevente. Importa lembrar que, neste seu exercício, ela ainda é detentora de um “corpo-mulher-negra” e que, portanto, sua escrita está indissociada deste corpo que é marcado histórica, social e culturalmente.

A autora de *Insubmissas* mostra ao leitor os mecanismos que as personagens, tão reais, criaram e mantêm para ressignificar sua existência, uma vez que enfrentam diariamente a opressão direcionada à mulher negra.

Tendo sido o corpo negro, durante séculos, violado em sua integridade física, interdito em seu espaço individual e coletivo pelo sistema escravocrata do passado e, ainda hoje, pelos modos de relações raciais que vigoram em nossa sociedade, coube aos brasileiros, descendentes de africanos, inventarem formas de resistência que marcaram profundamente a nação brasileira. Produtos culturais como a música, a dança, o jogo de capoeira, a culinária e certos modos de vivência religiosa são apontados como aspectos peculiares da nação brasileira, distinguindo certa africanidade reinventada no Brasil (EVARISTO, 2009, p 18).

Em cada conto é possível perceber os meios de resistência perante o opressor. No entanto, o maior ato de resistência é continuar viva diante das adversidades e cada mulher negra achou uma forma de continuar. Vamos conhecer algumas delas.

Começaremos por Aramides Florença, que desde mocinha sonha em ser mãe e, enfim, realiza esse sonho. No entanto, após o nascimento da criança, o pai começa a demonstrar atitudes de ciúme com relação ao filho e passa a cobrar “quando ela novamente seria dele, só dele” (EVARISTO, 2016, p. 15). Tal pergunta, com ênfase na frase “só dele”, ocorre ao mesmo tempo em que o pai encara a criança no berço.

A dominação masculina patriarcal nos casamentos e uniões tem sido a principal força a criar separações e divórcios em nossa sociedade. Todas as pesquisas recentes sobre casamentos bem-sucedidos demonstram que a equidade de gênero cria um contexto em que cada indivíduo do casal tem probabilidade de se afirmar (hooks, 2018, p. 94).

Infelizmente essa é uma situação comum, onde muitos casamentos se dissolvem com a chegada do primeiro filho, e não deixa de ser um reflexo da criação machista – em que se ensina, desde criança, que cuidar dos bebês é função somente das mulheres. Quando a criança chega, toda a rotina desgastante recai apenas sobre uma das partes e o marido se acha no direito de exigir atenção da esposa, bem como de pensar que ela tem obrigações sexuais. Tal atitude demonstra um olhar objetificado sobre a mulher, que, muitas vezes, não parece ser vista como um ser humano, mas como uma máquina capaz de dar conta da casa, do marido, dos filhos, além de ser bem-sucedida profissionalmente e linda (conforme os padrões midiáticos). Todas essas cobranças da sociedade escravizam as mulheres cada vez mais.

Em relação ao sexo, hooks (2019, p. 99) afirma que “[...] o respeito fundamentalmente mútuo é essencial para a prática sexual libertadora, assim como a convicção de que prazer e satisfação sexuais são mais alcançados em circunstâncias de escolha e acordo consensual”. No conto, Aramides é violentada pelo marido que, após estuprá-la, faz questão de ressaltar o olhar de dominação em relação à mulher: “[...] E quando ele se levantou com seu membro murcho e satisfeito, a escorrer o sangue que jorrava de mim, ainda murmurou entre os dentes que não me queria mais, pois eu não havia sido dele, como sempre fora, nos outros momentos de prazer (EVARISTO, 2016, p. 18).

Outro conto em que há presença da opressão masculina sendo exercida pelo sexo é o de *Isaltina Campo Belo*. Campo Belo, apesar da infância feliz, sempre carregou uma dúvida: achava que era um menino e não entendia como ninguém da família não percebia. Quando adoeceu de apendicite ficou feliz pela doença, pois imaginava que no hospital o médico descobriria que era um menino e enfim revelaria à sua família, o que não ocorreu. E assim ela foi crescendo, carregando um sentimento de “estar fora do lugar”. Se sentindo cada vez mais “estranha no ninho”, após se formar em Enfermagem se muda para a cidade em busca de emprego e de si mesma. Desperta o interesse de um rapaz e, após alguns afagos e carícias, os quais não despertaram nela nenhum desejo, decide contar ao rapaz sobre o menino que habitava em si. No entanto ele não acreditava.

[...] Afirmava que eu deveria gostar muito e muito de homem, apenas não sabia. Se eu ficasse com ele, qualquer dúvida que eu pudesse ter sobre o sexo entre um homem e uma mulher acabaria. Ele iria me ensinar, me despertar, me fazer mulher. E afirmava, com veemência, que tinha certeza de meu fogo, pois afinal, eu era uma mulher negra, uma mulher negra... (EVARISTO, 2016, p.64).

Os movimentos feministas são de extrema importância na luta para desconstruir o pensamento machista de que as mulheres devem apenas servir sexualmente os homens e de que o seu próprio prazer deve ficar em segundo plano. Vemos, nesse trecho, que o homem não se importa com os sentimentos da mulher, pois ele está focado apenas em si mesmo e cego pela imagem de que toda mulher negra é fogosa. O estereótipo de mulher fogosa teve origem na escravidão, quando os senhores de escravos, para justificar os diversos estupros cometidos, afirmavam, repetidamente, que as mulheres negras os atacavam sexualmente.

Segundo hooks (2018, p. 120), “[...] o feminismo é um movimento para acabar com sexismo, dominação e opressão sexistas, é uma luta que inclui esforços para acabar com a discriminação de gênero e para criar igualdade”. As mulheres precisam ter liberdade e poder sobre o seu próprio corpo, isso não pode mais ser deixado nas mãos de outros, principalmente de homens, e o feminismo tem papel imprescindível nessa desconstrução.

No conto, logo depois, Isaltina é convidada pelo pretense namorado para uma festa e lá é estuprada por ele e mais cinco rapazes, os quais diziam entre si estarem ensinando Isaltina a ser mulher. Ela acaba engravidando e só consegue tocar novamente no assunto depois de 35 anos. Após uma vida de opressão, silenciando seu verdadeiro eu e se achando merecedora do estupro por não se sentir atraída por homens, Isaltina encontra a oportunidade de se libertar. É na escola da filha que encontra o amor em outra mulher. A professora da filha também foi capaz de ensinar Isaltina a ser feliz e ter paz consigo mesma.

Importante destacar a descrição da personagem como uma bela mulher que não aparentava a idade que tinha e possuía cabelo curto, à moda *black power*. A valorização da beleza negra na literatura afro-brasileira é importante para mostrar a diversidade e romper com um único padrão de beleza disseminado pela mídia.

Personagens são descritos sem a intenção de esconder uma identidade negra e, muitas vezes, são apresentados a partir de uma valorização da pele, dos traços físicos, das heranças culturais oriundas de povos africanos e da inserção/exclusão que os afrodescendentes sofrem na sociedade brasileira. Esses processos de construção de personagens e enredos destoam dos modos

estereotipados ou da invisibilidade com que negros e mestiços são tratados pela literatura brasileira, em geral (EVARISTO, 2009, p. 19).

Campo Belo estudou, criou a filha sozinha, assumiu sua sexualidade e soltou os cachos, o que mostra, mais uma vez, a atitude de resistência e libertação perante a vida. Atitude de alguém que não aceitou ser encaixada em um padrão “aceito” pela sociedade e foi capaz de ser protagonista de sua vida. Enfim Isaltina pôde “soltar suas asas e voar feliz” (EVARISTO, 2016, p. 58).

Mary Benedita foi à procura da narradora, ansiosa por contar sua história. Sua urgência não para por aí. Sempre esteve a correr, nunca gostou de esperar: “Gosto de madrugar, de ser a primeira. Nada me garante que a espera pode me conduzir ao que quero. Na espera, temo que os dias me vazem entre os dedos” (EVARISTO, 2016, p. 70). A única coisa capaz de freá-la era a contemplação do mapa-múndi ou as aulas de Geografia, que davam a possibilidade dela pensar na extensão da terra e imaginar infinitos roteiros de viagem. No entanto, nasceu no seio de uma família simples, de lavradores, com dez filhos. Como poderia ganhar o mundo, pintar quadros e tocar piano?

Sua estratégia foi a astúcia. Começou a encenar um cansaço até que a família pensasse que tinha uma doença grave e a única solução seria enviá-la para a capital, junto da irmã de seu pai, conhecida como a “ovelha desgarrada” da família. Sente então que sua Tia Aurora é uma aliada e revela sua mentira: “Eu estava bem, muito bem, só queria mais chão e mais céus do que via em Manhãs Azuis” (EVARISTO, 2016, p.73).

Após muitas tentativas da família para levá-la de volta, e de muitas desculpas da Tia Aurora, consegue fazer um acordo com seus pais e continuar morando com a tia. Tia Aurora era professora de música e foi apresentando um novo mundo à sobrinha. Foi com a tia que passou a entender de música e a tocar piano. Logo depois, teve a oportunidade de fazer inglês e então foi um passo para a pintura e a exposição de suas obras em mostras internacionais. Mary Benedita ganhou o mundo e, enfim, atendeu sua necessidade de voar.

Na história de Mary também tem sangue, mas sangue transformado em arte:

Entretanto, há uma pintura que nasce de mim inteira, a tinta também. Pinto e tinjo com o meu próprio corpo. Um prazer táctil imenso. Uso os dedos e o corpo, abduco do pincel. Tinjo em sangue. Navalho-me. Valho-me como matéria-prima. Tinta do meu rosto, das minhas mãos e do meu íntimo sangue, o menstrual. Colho de mim, bordo com meu sangue-útero a tela (EVARISTO, 2016, p. 80).



Esse fragmento ilustra metaforicamente um amor por ser quem é. Um amor destinado a si, ao seu corpo, a ser mulher, a um sangue que sai da dor quando ela se corta, mas que é transformado, ressignificado em arte, em orgulho de sua própria história, de romper com os padrões, de ser mulher que abdica do “pincel” e se satisfaz *com* seu próprio corpo e *a partir* de seu próprio corpo. Além do sangue das dores, usa o sangue menstrual em sua arte; sangue que é tabu ainda hoje na sociedade, visto com asco, como algo sujo. Não é a toa que em nosso país exista distribuição gratuita de camisinha, mas não de absorventes. Isso diz muito sobre quem está à frente das políticas públicas. Nosso país não foi feito para as mulheres.

Rose Dusreis também tem uma história de resistência por meio da arte. Nasceu com pendor pra dança mas, devido às dificuldades da família, era impossível sustentar seu sonho. A mãe costumava dizer “não comemos dança”. Esse sonho parecia então muito distante. A menina assistia com paixão aos ensaios de balé de um curso particular, inacessível para quem era pobre. Sua professora de música na escola pública era Atília Bessa a qual também era professora de balé da turma particular. A diferença é que nas aulas de música a professora era temida pela severidade, tão diferente da gentileza e candura com a qual ela tratava as alunas do curso de balé. Decidida a seguir seu sonho, Rose se oferece para fazer as aulas de balé e, em troca, a mãe poderia lavar as roupas para a professora, mas a professora disse que seu “tipo físico” não era propício para o balé. Dusreis só foi entender o significado dessas palavras muitos anos depois. Uma vez foi convidada para representar uma bonequinha preta em um espetáculo na escola, contudo, depois, sem nenhuma explicação, foi substituída por uma menina branca pintada de preto.

A vida ainda trouxe mais surpresas: com a morte de seu pai, a mãe se viu sem condições de criar as cinco filhas e, assim, as meninas foram “repartidas”. Rose ficou sob a responsabilidade de uma paróquia local, que era fundadora de uma escola para meninas abastadas. Lá trabalhava intensamente e fazia o café das meninas abastadas, mas teve acesso à mesma educação que elas. Conheceu o canto e o balé clássico e quando saiu da escola recebeu uma carta de apresentação que lhe abriu as portas para aprender outros estilos e ganhar o mundo, sendo, muitas vezes, a única bailarina negra no grupo.

Aos poucos a família foi se reconstituindo e Rose Dusreis se orgulha de ser professora de dança moderna, balé clássico, balé afro, jazz, sapateado, dança de salão e de possuir sua própria academia de dança, a mais procurada da cidade. Apesar das lágrimas, a arte lhe deu forças e até o dia de sua morte, dançou plenamente pela vida.

Força que está guardada em nosso corpo, a sua versão visível e que não finda, mesmo quando esse corpo tomba, como se fosse a mais tenra penugem das asas de um frágil pássaro bebê, flutuando no ar. Essa força não finda, havia me garantido a bailarina, antes de se levantar para a sua dança final. Não finda! (EVARISTO, 2016, p. 116).

A arte proporcionou voz e existência para essas mulheres: “Dizem que algumas pessoas escrevem para não morrer, outras pintam, algumas representam, e há também as que cantam, as que tocam instrumentos, as que bordam... Eu danço.” (EVARISTO, 2016, p.115).

No conto *Natalina Soledad*, a narradora já inicia dizendo algo muito forte sobre a personagem Natalina ter não só se reinventado mas se reautonomeado. Logo que nasceu ela já começou a sofrer os efeitos de uma sociedade machista e patriarcal. Seu pai ficou decepcionado em ter uma menina após seis filhos homens, que o deixavam orgulhoso de sua masculinidade e de continuar a tradição familiar do nascimento de filhos do sexo masculino. Infelizmente, como é comum na realidade, achou melhor acreditar que a menina era fruto de uma traição da esposa, o que o levou a tomar nojo da mulher. A mãe, deprimida, acabou descuidando propositalmente da menina e deixou que o pai a nomeasse de Troçoléia Malvina Silveira, marcando em sua certidão o desprezo de sua família. Assim, a menina foi crescendo, aprendendo tudo sozinha, resignadamente, desprezada pela família, solitária em sua casa. Constituiu seu aprendizado de forma autodidata até que conseguiu ir para a escola. Quando moça fazia questão, em todas as ocasiões, de frisar o nome Troçoléia Malvina Silveira para trazer lembranças aos pais do incômodo que seu nascimento gerou. Como estratégia de ataque e defesa começou a cultivar um sentimento de desprezo pelos pais, ignorando-os.

Dentro de casa, muitas vezes tateava o espaço como se estivesse no escuro, ou melhor, no escuro estava, pois andava de olhos fechados quando percebia qualquer proximidade dos dois. Não suportava vê-los. Recusava sentar-se à mesa, alimentava-se no quarto ou na cozinha e, como uma sombra quase invisível, transitava em silêncio, de seu quarto ao banheiro e à cozinha, mesmo entre os seus irmãos. Da voz, da fala de seus familiares, não criou necessidade alguma (EVARISTO, 2016, p. 22-23).

Seu maior propósito de vida era criar para si outro nome, mas para isso, antes era preciso “esgotar, acabar, triturar, esfarinhar aquele que lhe haviam imposto” (p. 23). Sua estratégia foi a espera. “Pacientemente, a menina Silverinha esperou. A moça Silverinha esperou. A mulher Silverinha esperou” (p.24) e enfim, somente aos 30 anos, e após a morte de seus pais, Silverinha decididamente trocou seu nome e, sem incorporação do sobrenome da família, se tornou Natalina Soledad. E por que esse nome? “Natalina Soledad – nome, o qual me chamo - repetiu a mulher que escolheu seu próprio nome” (p. 25).

A mudança do nome não representa somente uma alteração formal, mas um resgate de uma identidade apagada durante toda uma existência, uma vida incômoda desde o nascimento e que, por teimosia, insistiu em permanecer viva, suportando, esperando o momento certo de agir. Seu silêncio ao longo da vida foi um mecanismo de defesa e resistência.

Estamos tratando de sujeitos encarcerados numa estrutura que é surda e muda, nela só há fala e escuta nas relações de saber e poder. Fica a cargo, então, dos produtores de conhecimento, dos intelectuais a possibilidade de reverter ou converter esse silenciamento que enclausura esses sujeitos. A literatura pode acessar essa realidade e desmontar esse silêncio denunciando a surdez de um sistema que atrela voz e poder, devolvendo a subjetividade aos emparedados, dando-lhes direito ao grito ou denunciando esse labirinto imposto e sua possível ou impossibilidade de saída. O silêncio transgressor fica a cargo, portanto, dessa possibilidade de reversão ou denúncia (CÔRTEZ, 2019, p. 109).

Há aqui uma apropriação de si mesmo pelo sujeito. Natalina deixa de ser uma “coisa”, um objeto, e passa a ser sujeito de sua história. A escolha do próprio nome reflete a tomada das rédeas de sua própria vida e o poder ser responsável por construir sua própria história. Esse é o primeiro momento em que Natalina tem sua voz ouvida.

Cada uma com sua singularidade, mas compartilhando uma irmandade. Uma vida de dor, mas também de superação. Podemos dizer todas com “final feliz”. Não aquele final feliz dos contos de fadas, mas um final feliz real, possível, resultado de luta, resistência e deslocamentos, como na bela comparação feita por Evaristo (2016):

Enquanto Lia Gabriel me narrava a história dela, a lembrança de Aramides Florença se intrometeu entre nós duas. Não só a de Aramides, mas as de várias outras mulheres que se confundiram em minha mente. Por breves instantes, me veio também a imagem da Mater Dolorosa e do filho de Deus pregado na cruz, ficções bíblicas, a significar a fê de muitos. Outras deusas,

mulheres salvadoras, procurando se desvencilhar da cruz, avultaram em minha memória. Aramides, Líbia, Shirley, Isaltina, Da Luz, e mais outras que desfiavam as contas de um infinito rosário de dor. E, depois, elas mesmas, a partir de seus corpos mulheres, concebem a sua própria ressurreição e persistem vivendo (EVARISTO, 2016, p. 95).

No livro, há muitas outras histórias de mulheres que enfrentaram situações de extrema dor e violência, porém não sucumbiram. Algumas se tornaram empreendedoras, lideraram suas famílias, lutaram por um amor, mas todas nos oferecem novas representações femininas de mulheres negras na literatura, permitindo, assim, um deslocamento das formas estereotípicas disseminadas na literatura brasileira.

### **Considerações finais**

A frase usada no título desse artigo faz referência a um prefácio escrito por Djamila Ribeiro à obra de Toni Morrison em 2019. No prefácio, Djamila se pergunta: “onde moram as mulheres negras que me habitam?”(p.7). Esse questionamento, que não é só dela, mostra o quanto o mundo pode ser excludente ao privilegiar apenas uma representação. As mulheres negras não se reconhecem nas protagonistas dos livros, dos filmes e das novelas. No prefácio, Djamila está se referindo à produção literária de Toni Morrison, célebre escritora negra estadunidense, que construiu suas personagens de modo humanizador. O mesmo projeto Conceição Evaristo se propõe, e faz na literatura brasileira, nos mostrando personagens humanas, que compartilham vidas e dilemas parecidos com milhares de mulheres negras brasileiras e, ainda assim, sem deixar de singularizá-las.

Conceição Evaristo coloca a mulher negra no centro de sua narrativa, derrubando estereótipos construídos ao longo da literatura brasileira canônica. Além disso, mostra que a experiência negra pode ser sim matéria de ficção literária e que o negro pode criar e contar suas próprias histórias. Dessa forma, Evaristo ecoa a voz de mulheres anteriores que se engajaram nessa luta e abre caminho para as próximas que virão, num movimento de sororidade e irmandade coletiva. Para encerrar, fica a sugestão do poema *Vozes-mulher*<sup>8</sup> de Conceição Evaristo, que sintetiza nossas reflexões ao longo deste trabalho.

---

<sup>8</sup> Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/24-textos-das-autoras/923-conceicao-evaristo-vozes-mulheres>. Acesso em jun. 2020.



## Referências

CÔRTEZ, Cristiane. O silêncio transgressor no conto “Macabea, Flor de Mulungu”, de Conceição Evaristo. In: GOMES, Carlos Magno; RAMALHO, Christina Bielinski; CARDOSO, Maria Leal. **Escritas da resistência: intersecções feministas da literatura**. Aracaju, SE: Criação Editora, 2019. p. 105-118.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas Lágrimas de Mulheres**. 2. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

EVARISTO, Conceição. Conceição Evaristo por Conceição Evaristo. In: DUARTE, Constância Lima. **Escritoras mineiras: Poesia, ficção, memória**. Belo Horizonte: Viva Voz-FALE/ UFMG, 2010.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética da nossa afro- brasilidade. In: **Literatura, história, etnicidade e educação: estudos nos contextos afro - brasileiro, africano e da diáspora**. Frederico Westphalen, URI, 2009.

EVARISTO, Conceição. **Conceição Evaristo: Escrivência**. 2020. (23m 17s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY>>. Acesso em: 15 jul. 2020.

GONÇALVES FILHO, José Moura. A dominação racista: o passado presente. In: ABUD, Cristiane Curi; KON, Noemi Moritz; SILVA, Maria Lúcia da. **O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise**. São Paulo: Perspectiva, 2017.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo**. Tradução de Ana Luiza Libâneo. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

HOOKS, Bell. **Olhares negros: raça e representação**. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

MELO, Henrique F. e GODOY, Maria C. Escrivência e produção de subjetividades: reflexões em torno de “olhos d’água”, de Conceição Evaristo. **Signótica**, Goiânia, v. 28, n. 1, p. 23- 42, jan./jun., 2016. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/sig/article/view/38912/22141>. Acesso em: 20 fev. 2018.

MORRISON, Toni. **O olho mais azul**; (com prefácio de Djamila Ribeiro). Tradução Manoel Paulo Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

WOOLF, Virgínia. **Um teto todo seu**. São Paulo: Tordesilhas, 1929.